

O QUE NOS DEIXAM FALAR E O QUE FALAMOS!¹

Vento B Lima Jesus de Aragão², Silvana Barbosa Macedo³.

¹ Vinculado ao projeto “A construção de si: autorrepresentação e relatos de vida nas práticas artísticas contemporâneas”

² Acadêmico(a) do Curso de Artes Visuais – CEART – Bolsista PROBITI

³ Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – silvana_b_macedo@hotmail.com

a nível macro, essa pesquisa pretende desenvolver uma série de conversas *dialogações* com artistas pretes estudantes da universidade do estado de santa catarina. aqui mora um objetivo que vai além da academia e sua rigidez fria e branca: criação de espaços de acolhimento de escrevivências como forma de aquilombar e *acuírlombar*. redes de *reexistir*, reivindicar e construir espaços pretos. é também o interesse de saber como a violência multiforme do racismo, do mito da democracia racial e da lgbtfofia incidem e alteram as poéticas de artistas pretes lgbt*cuíria*+

iniciando a partir de longas conversas entre silvana e vento, partindo do ponto de produção e trajetória recente de vento, parimos o artigo “por uma vida que não seja pouca no fim de mês” que está em fase de revisão final para publicação em revista qualificada.

como numa costura sem arremate o fio segue. não há uma quebra, sim uma continuidade inusitada, mas fluida. ainda é caro o conceito a partir do qual conceição evaristo pensa os processos de escrita autorreferida e cotidiana da população diaspórica (“escrevivência”). seu possível entrelace com tatiana nascimento no resgate e fabulação de histórias ancestrais não cisheteronormativas adensam nosso pensamento. somam-se agora silvio almeida e jota mombaça e desvela-se suavemente a produção de cosme s.

como referência buscamos a produção teórica e poética de desobediente de gênero jota mombaça e o livro “racismo estrutural” de silvio almeida. mombaça constrói através de uma linguagem própria e de uma visualidade escrita, e pesquisa estudos queer e diáspora. almeida faz uma separação semântica dos termos ligados ao racismo e a partir daí, destrincha os diferentes tipos de racismo, suas origens construções e ferramentas de manutenção.

no período atual da vigência de bolsa desenvolvemos uma *dialogação* e degustação da produção do artista paraense, que produz atualmente em florianópolis, cosme s. de minúsculas e minúsculas deliciosamente cortantes. homem cis bissexual e preto. e empretecido de si. sua produção em pintura à óleo, pintura digital, desenho digital, animação digital e realidade aumentada é cheia de detalhes e infinitos mundos cortados por lâminas de precisão. mais uma vez me lembro de luís gama ou getulino e sua costura suave em termos gregos contando histórias de áfrica e alfinetando a branquitude que o lia sem saber. sua exposição “almanaque” no espaço expositivo do instituto meyer filho, em 2022, é também tema da conversa.

¹ a escrita deste texto em letras minúsculas tem o propósito de quebrar hierarquias também a nível da linguagem.



Figura 1. mar, 2022 (autoretrato de cosme s em desenho digital.)

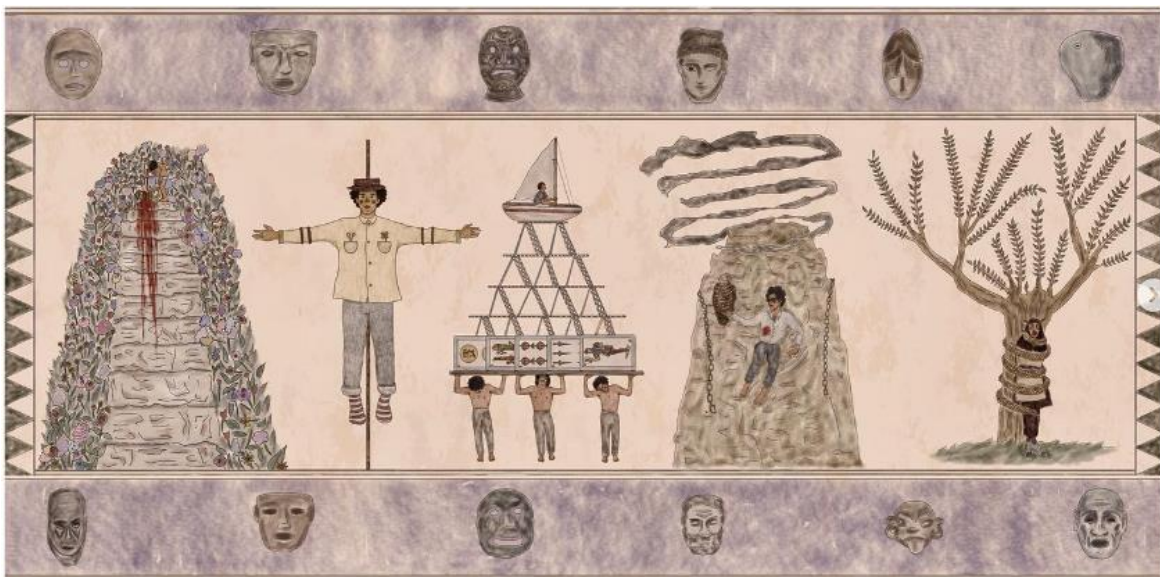


Figura 2. dezenove, de prometeu e a árvore de dedos, 2021

Palavras-chave: escrevivência, cuérlombo, artes visuais.